



## REPRESENTAÇÃO DO HERÓI E DO ANTI-HERÓI MEDIEVAL EM FERNÃO LOPES

*Amanda Lopes Blanco\**

**RESUMO:** O artigo tem por objetivo apresentar duas possíveis representações medievais, a primeira do herói e a segunda do anti-herói. Assim, antes da análise, é necessário abordar a teoria que nós utilizamos neste artigo, que diz respeito à psicologia social. Para isto, é necessário explicar ao leitor, de forma sucinta, a vida e a obra de Fernão Lopes. Em seguida, será abordada a análise da fonte escrita por Fernão Lopes, a Crônica de D. João I, enfatizando as representações do herói e do anti-herói medieval e as respectivas contribuições feitas através da análise da fonte. As considerações finais terão o objetivo de apresentar o núcleo central dessas duas representações, assim como, o ensaio de ligação do autor da narrativa com o seu contexto social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; Herói; Fernão Lopes.

### MEDIEVAL HERO AND ANTI-HERO REPRESENTATION IN FERNÃO LOPES

**ABSTRACT:** This article aims to present two possible medieval representations, which are the hero and the anti-hero. So, before proceeding to the analysis, it is necessary to address the theory we use in this article, which is related to Social Psychology. Due to that, it is mandatory to explain to the reader, concisely, the life and works of Fernão Lopes. Thereafter, we will approach the analysis of a written source by Fernão Lopes, emphasizing the representations of the medieval hero and anti-hero and their contributions made through the analysis of this source. In the final considerations we will be presenting the core of these two representations, as well as essaying to establish the link of the author of the narrative with his social context.

**KEYWORDS:** Representation; Hero; Fernão Lopes.

\* \* \*

---

\* Mestranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## Introdução

A dinastia de Avis representou, para Portugal, um período de modernidade, através da ruptura com o tradicionalismo medieval português. Após a ascensão de D. João I ao trono português, a dinastia nova tentou representar o reinado através de inúmeras narrativas positivas da nova família real, nesse momento, cronistas foram contratados para representar a modernidade e a revolução gerada pela dinastia de Avis. Assim, Fernão Lopes passa a ter um papel importante na história de Portugal, o cronista narrou trajetórias dos Reis e fidalgos portugueses. Sua narrativa foi algo inovador para a época, pois o cronista utilizava uma metodologia, conhecida como a busca da verdade, sendo assim denominado de “cronista-historiador”. A crônica analisada no artigo, narra a ascensão de D. João I de Avis, no reino de Portugal, e a prolongada batalha de Portugal e Castela. Por ser uma crônica de perfil militar, será possível abordar as representações de heróis e anti-heróis medievais e analisar os pensamentos de Fernão Lopes sobre todo o contexto social que o envolvia.

## O Conceito de Representação

O conceito de representação assume diferentes formas na História Cultural, Ronaldo Vainfas denomina teorias da virada cultural como “tirania do cultural”<sup>1</sup>, visto que existe um reducionismo cultural, ou seja, a questão econômica, intelectual, social e política seriam culturalmente condicionados. Ciro Flamarion Cardoso critica Roger Chartier justamente por esse reducionismo culturalista, Ciro F. Cardoso afirma que para ser um conceito é necessário ter operacionalidade, se existem diferentes formas de interpretar algo não existe operacionalidade, por essa razão, ele diz que representação não é um conceito e sim uma noção. O autor prefere utilizar a noção de representação segundo as teorias da psicologia social.

Em primeiro lugar, parece-me que, dentre as diversas ciências sociais até o presente momento, a psicologia social foi aquela que soube manejar com maior precisão, bem como atenção às complexidades que envolve uma noção que, nas demais disciplinas (incluindo a história cultural), sói

---

<sup>1</sup> MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.). *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: SP, Papyrus, 2000.

aparecer em formas desanimadoramente vagas e, ao mesmo tempo, como se se tratasse de algo simples. Em segundo lugar, porque é também a psicologia social a área dos estudos sociais que menos cai na tentação de querer reduzir o pensamento científico a meras representações: estas últimas são vistas como estando firmemente ancoradas na “epistemologia do sentido comum”, no conhecimento vulgar, ainda que não estejam de todos ausentes das construções científicas (que em caso algum podem esgotar, entretanto).<sup>2</sup>

Autores da psicologia social como Denise Jodelet e Claude Flament partem do princípio de que cada representação social tem um núcleo central ou princípio organizador. As representações mentais são a “matéria-prima” das representações sociais e as representações sociais são peças que constituem estruturas maiores como crenças, mitos, ideologias... Segundo, Denise Jodelet:

(...) as representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações.<sup>3</sup>

Sobre a estrutura da representação, será utilizado a teoria do *núcleo central*, também da psicologia social. De acordo com Claude Flament o “lugar de coerência de uma representação autônoma é o núcleo central da representação (...). Parece certo que esse núcleo é uma estrutura que organiza os elementos da representação e lhes dá sentido”.<sup>4</sup> A análise da crônica terá o objetivo de encontrar o núcleo central da representação do herói e do anti-herói medieval.

## Fernão Lopes – vida e obra

Os reis da Dinastia de Avis preocuparam-se em preservar a memória portuguesa através da produção de crônicas, assim, será destacado, um dos mais importantes cronistas dessa dinastia, Fernão Lopes, também conhecido como o “cronista da nova dinastia”. Fernão Lopes como funcionário do

<sup>2</sup> MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.). *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: SP, Papyrus, 2000, p. 21.

<sup>3</sup> JODELET, Denise. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, Denise (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 21.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 175.

governo procurou justificar a ascensão da dinastia de Avis através de três pilares: “ético-político, jurídico e o providencial”<sup>5</sup>, essas características serão apresentadas no tópico de análise das fontes. Antônio José Saraiva acrescenta a importância do cronista para a nova dinastia. “Pesava, portanto um labéu de ilegitimidade sobre a nova dinastia e a missão principal de Fernão Lopes, como cronista da corte, era justificá-la.”<sup>6</sup>

Fernão Lopes era de família humilde<sup>7</sup>, por essa razão, torna-se possível afirmar que o autor enfatizou a participação e personagens populares em suas crônicas, ao lado dos feitos dos “grandes heróis”. Conhecido também como “cronista-historiador”, pois suas crônicas possuíam uma metodologia, onde o autor tinha o objetivo de pesquisar até chegar, segundo ele, na “verdade nua”. O cronista foi tabelião do reino e tornou-se guarda-mor da torre do Tombo em 1418, Fernão Lopes recebeu a designação, do infante D. Duarte, de escrever as crônicas dos reis, até o rei D. Fernando. As crônicas de sua autoria são; a *Crônica de Portugal de 1419*, *Crônica de D. Pedro I*, *Crônica de D. Fernando*, as duas primeiras partes da *Crônica de D. João I* foi atribuída a Fernão Lopes e a *Crônica de D. Duarte* que foi redigida novamente, em outro momento, pelo cronista Ruy de Pina.

A versão da *Crônica de D. João I* utilizada no artigo está disponível para download na Biblioteca Nacional de Portugal, na subdivisão, biblioteca nacional digital, na categoria, Bibliotheca de Classicos Portugueses<sup>8</sup>. A primeira edição da crônica ocorreu em 1644<sup>9</sup>, em seguida novas edições ocorreram com algumas omissões. E a versão que foi publicada em 1915 por Anselmo Baraamcamp, extraída do códice n. 352 do arquivo Nacional da Torre do Tombo.

## **Análise da crônica de D. João I**

Foram observadas duas possíveis representações na crônica escrita por Fernão Lopes, são elas: representação do herói e representação do anti-herói. A crônica chama atenção pela quantidade de

<sup>5</sup> REBELO, Luís de Sousa. *A concepção de poder em Fernão Lopes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983, p. 22.

<sup>6</sup> SARAIVA, Antônio José. *O crepúsculo da idade média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1998, p. 166.

<sup>7</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira. Fernão Lopes. In: SERRÃO, Joel (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1976, p. 56.

<sup>8</sup> *A Crônica de D. João I*. Clássicos Portugueses, director litterario – conselheiro Luciano Cordeiro, proprietário e fundador – Mello D'Azevedo. ESCRITORIO. 147 – rua dos Retrozeiros – 147. Lisboa. 1897

<sup>9</sup> LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I* – 2 vol. Introdução: Humberto Baquero Moreno. Lisboa: Livraria Civilização, 1994.

detalhes descritos em diversas batalhas entre Portugal e Castela, os possíveis diálogos entre os inimigos, a narração das atitudes da aristocracia de Castela feita pelo cronista, os inúmeros protagonistas da narração e a presença da arraia-miúda sendo suas ações narradas, de forma bem detalhista.

Basicamente, a crônica está toda voltada para a guerra entre Portugal e Castela, somente nos momentos de trégua entre os dois reinos é que Fernão Lopes narra sobre a vida pessoal do Rei, como por exemplo, o nascimento de seus filhos legítimos e ilegítimos, casamentos e outros. Fernão Lopes escreve duas partes da crônica, a segunda parte termina, no momento, em que Castela e Portugal assinam um tratado de paz.

### Representação do herói

O primeiro herói de uma nação é o Rei ou o Regente, pois segundo a lógica, é aquele que se preocupa com o povo, agrada a nobreza e o clero para obter benefícios durante o seu reinado ou regência. De acordo os cronistas, os Reis portugueses são sempre associados às figuras dos Reis de Israel, são agraciados por Deus. O período do reinado é considerado como uma benção divina, no caso de D. João I, Fernão Lopes o constrói, a partir da cronologia bíblica, através de analogias com personagens da bíblia dessa forma, o Rei passa a inaugurar a sétima idade em Portugal.

Devisado o dia a que o logar fosse tomado, fallou el-rei isto com alguns fidalgos, dizendo que levassem os cavallos mais pouco rinchadores que tivessem, e levou comsigo até trezentos de cavallo, e mui poucos homens de pé, e ouviu missa e jantou cedo, e partiram aforrados sem outras azemulas nem corregimentos que levassem, e chegaram já muito noite á Veiga de São Affonso Lourenço estava aguardando, e d'ahi os levou derredor, até o valle da deveza, que chamam Santa Maria, que é muito espessa d'arvores, que seria da villa, uns tres tiros de besta, e alli fazia cada um quanto podia que sua besta não rinchasse, e porque um cavallo rinchou, mandou el-rei logo que o matassem.

(...)

El-rei foi sempre com os dianteiros, e quando chegou á porta da villa, o primeiro que por ella entrou em cima do seu cavallo, foi aquelle ardido e famoso fidalgo de quem em cima é feito menção, que chamam João Rodrigues de Sá, o qual houve logo uma ferida pelo rosto d'alguns que já acudiam ao arruido, porém os da villa não tomaram armas, mas folgaram muito de assim ser feito, e Affonso Lourenço ia deante bradando altas vozes Portugal, Portugal, e nenhuns castellãos nem dos de Ayres Gomes haviam accordo senão de se porem em salvo, e João Rodrigues que bem sabia as ruas da villa e como o logar tinha outra cerca, encaminhou logo em cima do cavallo com sua lança na mão, chamando Portugal e S Jorge, e esto por tomar a porta da segunda cerca, que se não acolhessem a ella os de Ayres Gomes que pouzavam pela villa, e ante que chegasse achou já ante si Alvaro de Tor de Fumos, aquelle bom homem d'aemas que dissemos, com uns vinte escudeiros, entre homens d'armas

e de pé, os quaes acaudelava e recolhia, e João Rodrigues vendo que lhe não cumpria metter-se só a cavallo entre elles, desceu-se logo a pé, e com a lança d'armas na mão os levava todos ante si, em guisa que se não ouzavam a ter com elle, e por se acolherem á villa iam-se retrahindo atraz, e nenhum portuguez acompanhava João Rodrigues, mas andavam pela villa roubando das cousas dos castellãos que achavam em casa dos hospedes, e quando João Rodrigues viu como se todos acolhiam pela porta e lhe não podia empeder como elle queria, com merencoria lançou a lança das mãos e arrebatou um castelão pelas pernas e assim o tomou e o trouxe preso perante el-rei, da quaes cousas foi muito louvado aquelle dia.<sup>10</sup>

Essa passagem apresenta o Rei como um herói militar e narra a tomada da Vila de Guimarães. É interessante notar que a citação demonstra um lado mais racional de D. João I, embora, muitas vezes, o cronista insista em representar o lado misericordioso do governante. Essas atitudes racionais oferecem uma face de cavaleiro e estrategista militar ao Rei.

O segundo na hierarquia de representação do herói, é sempre um nobre aliado do Rei, que no caso, da crônica analisada, é Nuno Álvares. Esse é um herói militar, estrategista de guerra, obediente ao governante, cheio de virtudes, por essa razão, Deus sempre o ajuda a vencer nas batalhas, Nuno Álvares foi primordial nos anos de luta entre Portugal e Castela.

Elegido o Mestre e alçado por rei, falou-se logo que fizessem Condestabre pera a guerra em que eram, posto segundo novamente fizera el-rei D. Fernando, quando em seu tempo os inglezes vieram, e ordenou que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Álvares Pereira, havendo áquelle tempo vinte e quatro annos e nove mezes e doze dias, conhecendo d'elle que era de honestos costumes e mui avizado de cavallaria.

Assim que, vista sua prudente e notável discrissão (que bem se podia dizer d'elle que posto que cega a fortuna em esta presente vida leixe alguns nus de galardão que o bem merecessem) contra este, não sendo ingrata o proveu entonce em alteza de grande e honroso officio nas guerras e hostes do reino, do qual elle uzou de tal guisa, crescendo cada dia em cavalleirosos feitos e muitos, como depois ouvireis, espertou invejosa grandeza porque se esfortaleçam em esforçado desejo de percalçar grandes cousas em suportamento de proveitoso trabalho.

Este não esperando noites nem esquivos dias não temia de se poer a quaesquer aventuras por haver victoria dos inimigos, não por desprezar com soberba afouteza a multidão d'elles, mas porque nenhum avizamento antigo podia entonce ser igual ás suas sagaçarias, de que este novo guerreiro, sendo sempre muito em ufanía e levantamento em esses bemaventurados vencimentos, assim sagazmente ordenava seus feitos, que nenhum outro podia entender o proposito de sua intenção, salvo com aquelles de que costumava fallar. Da ardidez e bom regimento em que está a principal cousa de guerra, era elle assim comedido, que quem fosse semelhante a elle assim lhe seria de trabalho.<sup>11</sup>

Esse capítulo narra a ascensão de Nuno Álvares ao cargo de Condestável. Fernão Lopes

<sup>10</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. XI, volume VI, pp. 43, 45 e 46.

<sup>11</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. CLXXXIII, volume III, pp. 216 e 217.

utilizou de vários predicativos para qualificá-lo como um herói, o primeiro deles e o mais importante para o cronista, é a lealdade ao Rei, o segundo, a obediência a Deus, visto que era um bom cristão e o terceiro, a preocupação com o povo. Como toda representação de um herói, ele está sempre associado à preocupação com as mazelas sofridas pela arraia-miúda e sempre busca amenizar o sofrimento de todos, demonstrando-se misericordioso com a sua população e justiceiro com os povos de outras sociedades, como foi o caso com Castela. O herói também é sempre aclamado por todos da sociedade, os grandes e os pequenos compreendem que a única solução para os problemas vigentes de uma região, é a figura do bem feitor.

Os da cidade fizeram prestes pera ir receber o Mestre, e a clerezia em procissão, e os leigos com seus jogos e tribilhos. E des-ahi os fidalgos e conselhos que ahi eram todos, juntamente de bestas, como melhor podiam, e em se corregendo uns e outros, começaram muito apoz de sahir fora da cidade per o caminho per onde vinham o Mestre, com cavallitos de cannas, que cada um fazia nos canaviaes com pendões correndo todos, e bradando:

- Portugal, Portugal, por el-rei D. João, boa hora venha o nosso rei.

E assim foram por mui grande espaço, acerca de uma legua.

O Mestre e Nuno Álvares, e muitos dos que hi vinham, maravilhavam-se d'esto muito, havendo por cousa estranha, e assim como milagre, dizendo que Deus os movera a fazer aquello e fallava por aquelles moços, como boccas de prophetas, e assim vieram ante elle até á cidade, onde foi grande honra recebido.

Quando o Mestre chegou acaerca d'ella, viu estar a porcissão, desceu-se elle e todos os outros das bestas, e humildosamente fincou os gíolhos em terra e beijou a cruz, e veiu-se de pé com a porcissão, e entrou pela cidade com gran festa e prazer que com ella vinham, e levaram-n'o aos paços da Alcaçova onde havia de pousar.<sup>12</sup>

A representação de um herói é baseada também na perplexidade e surpresa de sua aclamação por todos, este sempre fica admirado e honrado com a atitude da sociedade, assim, a pessoa que foi aclamada, associa sempre que essa ação foi uma benção instituída por Deus, devido a sua obediência. O terceiro herói que se encontra na crônica, também é um nobre aliado do governante, sendo conhecido como doutor João das Regras. A sua virtude se encontra na habilidade com as palavras e com a dialética, assim o Rei sempre pedia conselhos a ele e ambos se ajudavam na política do reino.

E elles todos em um Paço postos em assecego, em boa ordenança, era ahi um notavel barão, homem de perfeita auctoridade e cumprido de boa sciencia, mui grande lettrado em leis, chamado doutor João das Regras, cuja sotilidade e clareza de bem fallar entre os lettrados e

<sup>12</sup> Ibidem, cap. CLXXXI, pp. 169 e 170.



teudo em conta.

Este propooz n'aquellas cortes, tendo cuidado de mostrar por sciencia, razão e verdade, o proveito de tão grão negócio, como este aos povos ficar depois encarrego de escolher qual determinação quisessem.

Mas quem poderia reter, segundo alguns escrevem, a abundança de seu bom follar, e como se houve tão sabedormente á cerca de tão alto feito, das quaes cousas alguns leigos leixando as migalhas, do que percalçar podiam, em escripto dizem que começou d'esta guisa: (...)

(...)

- Ora, senhores, disse aquelle doutor, porque já vistes claramente aquello sobre que tanto duvidaveis, e a que Deus prove de serdes em conhecimento de como estes reinos são de todo vagos e postos em nossa disposição pera elegermos quem os defenda e governe, não curemos mais de histórias antigas que a nosso proposito possamos trazer. Mas porque sempre foram defesos e manteudos por rei e nos isto como cumpre por nos fazer, não podemos, segundo a necessidade em que somos postos requer e a nós convem em tal caso por força elegermos, segundo a necessidade em que somos postos requer e a nós convem em tal caso por força elegermos que rei faça todo aquello que cumpre pera cahirmos em sugeição de nossos inimigos seismaticos, que se d'ello trabalham quanto mais podem, não somente por nosso damno e perda, mas ainda da Santa Egreja e de nosso Senhor, cujos inimigos capitaes são.

“E pois não é menos de consirar a pessoa que hade ser elegida, que o proveito que se d'ella segue ao reino, vejamos primeiro as condições que se requerem em ella, e se as taes acharmos a aquelle que houvermos de eleger, nossa eleição será discreta e sem reprehão nenhuma. E digo brevemente, segundo os sábios recontam, que entre as outras cousas que em elle ha de haver, deve ser de boa linhagem e de gran coração pera defender a terra, des-ahi que haja amor aos subditos, e com isto bondade e devoção.

Ora que estas condições sejam achadas no Mestre nosso senhor, que temos em vontade pera eleger, assaz é visto claramente como todos bem sabeis. De ser de boa linhagem vêdes-lhe bem ser filho de rei, e de ser de gran coração assaz se mostrou e mostra, que com tão pouca parte do reino como consigo tinham, com maravilhosa ousação sofreu taes perigos como has passados, e dispoz-se a muito maiores segundo o tempo em que somos postos. De haver amor aos subditos vede que podia mais fazer, que com quantas avenças e promettimentos de el-rei de Castella mandou fazer com grandes accrescentamentos de sua honra e estado, tal necessidade, qual foi a fome e cerco de Lisboa, que nunca em ello quis consentir por não leixar os povos em sugeição de seus inimigos. De haver em ello bondade bem se mostrou no roubar dos judeus que os de Lisboa quizeram fazer, e no remir dos captivos as ajudas que pera ello dava, segundo que cada um era. E d'elle ser devoto e encaminhar que os de Lisboa fossem providos e os seus bons feitos, segundo Deus, esguardae as esmolae que fez e o fallar com frei João da Barroca; e achamos que todos seus feitos são em grande pezo em a dureza de siso. Além d'esto ordenar tão discretamente todas as cousas que á defensão d'estes reinos pertencem, nenhum outro melhor poderia.<sup>13</sup>

Essa é uma pequena parte do discurso de João das Regras, onde este percorreu sobre os quatro candidatos ao trono em Portugal, dentre eles o Mestre de Avis também estava nessa disputa. Assim, João das Regras, em seu discurso, colocou adjetivos que negativavam os outros três concorrentes de

<sup>13</sup> Ibidem, cap. CLXXXIII, p. 173 e cap. CLXXXI, pp. 210 e 211.



D. João I, e engrandeceu o Mestre, com palavras que expressavam qualidades, além disso, ele utilizou uma boa dialética de convencimento, dessa forma, convenceu aos nobres a aceitarem João de Avis como Rei de Portugal. Assim, Fernão Lopes apresentou o doutor João das Regras, homem capaz de convencer a todos com as suas palavras, o herói das letras. Muitos fidalgos que lutaram com o Rei contra Castela também são citados, de forma nominal, na crônica. Estes são sempre apresentados de forma louvável, visto que são fiéis ao governante de Portugal.

Na ala direita que nascia da ponta d'esta az, ia Mem Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos, e d'outros bons fidalgos uma leda companhia, que por suas honras e defesa do reino entendiam defender o logar onde eram postos, e chamavam-lhe a ala dos namorados, e seriam por todos dozentas lanças, e haviam uma grande bandeira ordenada á vontade de todos. Na outra parte, na ala esquerda, eram de mistura com Antão Vasques e com outros portuguezes, alguns estrangeiros, assim como Micer João de Monferrara, e Martim Paulo, e Bernardom Sola, e d'outros inglezes frécheiros e outros homens d'armas, que eram por todos outros dozentos, assim que mingravam a estas alas da sua direita ordenança dozentos homens d'armas, porque tanto havia d'haver em ambas as alas, como na direita az de vanguarda, e estes tinham uma alta bandeira de S. Jorge, e outros balsões de mistura, assim que a az de vanguarda com suas alas era semeada de bandeiras e pendões, como a cada um prazia de ter, ca ahi não havia entonce rei d'armas nem outro arauto que a ninguém desdicesse, des-ahi trombetas em alguns logares, segundo se requeria; detrás os homens d'armas que eram em ambas as alas, havia bestaria e homens de pé postos em tal ordenança, que lhe podessem fazer ajuda e empecer a seus inimigos; em a az dianteira, não havia nenhuns, ca não cumpriam em tal logar, allí não havia cotas d'armas, porque o conde nem outros fidalgos fossem conhecidos, ca ainda entonce não era em uzo, mas o conde trazia uma jaqueta de lã verde toda bordada de rozeiros, des-ahi cota, peito e braçaes, e arnez de pernas e guantes, segundo de cote costumava, e sempre espada cinta e adaga, salvo quando ouvia missa.<sup>14</sup>

Após essa descrição, o autor narra a batalha de Aljubarrota, com riquezas de detalhes da luta e da participação dos fidalgos, com seus diálogos descritos minuciosamente por Fernão Lopes, futuramente, esses nobres foram nomeados cavaleiros pelo Rei. Interessante observar a ênfase dada pelo autor da crônica, ao narrar acontecimentos de fidalgos não tão conhecidos para a história. O herói era sempre recompensado por Deus e pelo Rei, no caso de Nuno Álvares a sua bravura serviu como moeda de troca no jogo de interesses políticos.

(...), e entre todos aquelles que el-rei tinha em vontade de acrescentar, assim era Nuno Álvares Pereira, seu honrado condestabre e muito fiel servidor, e faltando um dia com elle a de parte, disse que sua vontade e tenção era, esguardando os muitos e notaveis serviços que lhe feito tinha e esperava d'elle receber, de o acrescentar em nome e rendas e dignidade de honroso estado, e pois elle era seu condestabre, officio na guerra do reino, que d'ahi em deante lhe prazia que fosse mais conde de certo condado, o qual lhe logo queria dar, segundo já com elle fallara.

<sup>14</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. XXXVIII, volume IV, pp. 145 e 146.

Nuno Álvares respondeu a esto como grande mesura e asseceo, dizendo que lh'o tinha em grande mercê, mas que sua vontade não era aceitar tal honra e dignidade, salvo se lhe elle primeiro promettesse de em sua vida não fazer outro nenhum conde, mas d'outra guisa que o não queria ser. E el-rei disse que lhe prazia muito, e assim lh'o prometeu e authorgou.

Entonce o fez conde d'Ourem, como costumava de fazer, com todas as rendas e terras e villas que João Fernandes Andeiro, cujo fora aquelle condado, havia ao tempo de sua morte. E mais lhe deu Borba, e Villa Viçosa, e Estremoz, e Evora-Monte, e Portel, e Monte-Mór-o-Novo, a Almada, e Sacavem, com seus Reguengos, e o serviço real das judeus de Lisboa, e Porto de Mós, e o Rabaçal, Bouças, e Alvaizere, e terra de Pena, e terra de Basto, e o Arco da Baulhe, e terra de Barroso, e mais em aprestimo todas as rendas e direitos que el-rei havia na cidade de Silves e Villa de Loulé, e no reino do Algarve, e diziam os que esto viam que esta fôra a mais formosa e rica doação que nenhum rei que na Hespanha fosse fizesse a algum seu vassalo com que devido não houvesse, e estimavam as villas e cercadas e terras chãs, que sua renda passava de dezesseis mil dobras.<sup>15</sup>

Essa passagem narra o presente oferecido a Nuno Álvares por D. João I, vindo este a receber o condado d'Ourem. No início, os ditos heróis que recebiam recompensas, não se achavam dignos para aceitar os agrados, porém, sempre concordavam com os regalos, no final.

O herói também pode ser aquele que se une com o governante, através do jogo político do casamento, como é o caso do Duque de Lencastre<sup>16</sup>, após o casamento de sua filha, D. Filipa, como D. João I, o mesmo passou a ser visto como herói, acompanhando o Rei em diversas lutas contra Castela.

Cobrado Roales d'esta maneira, partiu el-rei caminho de Valdeiras, com o duque e suas gentes.

Em este logar estava por guarda Sancho de Valasco, filho bastardo de Pero Fernades de Valasco, com oitenta de cavallo comsigo; estava hi mais Gonçalo Fernandes de Aguilar e Gomes Eanes Maldorme e Gonçalo de Paredes, grande besteiro e muita certo da nomina d'el-rei, e mr. Roby Bracamonte com francezes e outros estrangeiros que por guarda d'aquella comarca eram postos, assim que a villa estava bem percebida de quanto cumpria á sua defensão.

El-rei levava uma escala pequena e um engenho, se mister fizesse, pera algum logar, e porque o muro era estroso feito de taipa e a logares fraco, tiveram conselho el-rei e o duque de o combater e tomar por força, por ser escarmento a outros logares, e armada a escala e engenho, e repartidos os combates a cada uns e todos armados, antes que dessem ás trombetas, tomaram tal medo d'aquella guerra que não haviam em uso de ver, especialmente o Sancho de Valasco que tinha carrego do logar, que bem entendeu que não havia n'elles cobro, salvo serem entrados por força, e fez sahir um cavalleiro armado da villa bradando se estava ahi Pedro Affonso de Ancora, cavalleiro portuguez, que lh'o chamassem pera lhe dar o galgo que lhe promettera.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Ibidem, cap. LII, pp. 213 e 214.

<sup>16</sup> A trajetória do Duque e os interesses políticos envolvidos na crônica, foram apresentados no tópico Representação do casamento.

<sup>17</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. CVI, volume V, pp. 146 e 147.

O sogro do Rei passou a ser aliado de D. João I, na luta histórica entre Portugal e Castela. O grande mérito do Duque foi entregar a sua filha em casamento, formando assim uma aliança política com Portugal e depois, enviando pessoas para o combate na península Ibérica. Todavia, também existiam heróis que tinham a função de apaziguar a guerra entre os reinos, esse era o ofício dos Procuradores. Cada Procurador defendia a sua sociedade, através de um acordo político, assim, estes procuravam a concórdia entre Portugal e Castela.

Gastando-se o tempo em disputações que os procuradores dos reis a justificar suas causas formavam, era já esto no mez de março, e aquelle Micer Ambrosio, que dissemos, veiu alli a Olivença, e disse:

- “Que por quanto d’ambas as partes eram allegadas muitas razões, a cada um mostrar sua querella ser boa, e uma parte dizia que movera justa guerra, e a outra também que diretamente a fazia, e uns diziam que as treguas foram quebradas por a parte adversa, outros que as quebrantara seu adversário, que por estas duvidas e todas outras virem a boa egualdade, que leixassem as disputações que tarde ou nunca haveriam fim, e tomassem outro modo de razoar chão, sem mistura de mais direitos, posto que algumas cousas já por elles allegadas replicassem em seu fallamento; (...).<sup>18</sup>

Esses Procuradores eram representados como homens de apaziguamento, que negociavam o fim das guerras, através de acordos como: libertação de prisioneiros, deliberação de terras conquistadas por tropas inimigas e pagamento dos custos da guerra em dinheiro. Tais negociações eram feitas mediante um papel escrito por cada representado. Acima dos procuradores, estavam os Embaixadores, que possuíam basicamente a mesma função dos Procuradores.

Os feitos da guerra estando em estes termos, foi movido que se tratasse entre os reis tregua e paz por sempre, e foram enviados a Castella por embaixadores os honrados D. João, arcebispo que depois foi cardeal, e João Vasques d’Almada, cidadão de Lisboa, mui honrado cavalleiro, e Martim Docem, doutor em leis.

Estes mandou el sei bem corregidos como cumpria, e sessenta em cavalgaduras com elles, os quaes chegaram a Segovia uma quarta-feira, primeiro de junho, e depois de comer forma vêr el-rei e lhe fallar, propoendo a razão de sua ida como era por se tratar de tregua ou paz entre elle e el-rei seu senhor.<sup>19</sup>

Os Embaixadores eram os heróis das missões diplomáticas de seus reinos, utilizavam dos mesmos acordos que os Procuradores para conseguirem o fim, ou a trégua de uma batalha. Dessa forma,

<sup>18</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. CLXXI, volume VII, p. 49.

<sup>19</sup> *Ibidem*, cap. CLXXVI, p. 63.

os heróis eram representados na crônica, para ser um herói só era necessário está do lado de seu reino, assim todas as qualidades seriam adquiridas por estes. A escolha política de um determinado lado, garantiria a virtude de um herói ou o vício de um anti-herói.

### Representação do anti-herói

As pessoas que foram denominadas de anti-heróis nesse artigo, correspondem a indivíduos que possuíam um certo ideal, mesmo que sendo contra ordem vigente da sociedade, geralmente, eram os traidores que serviam ao reino durante um tempo e depois se rebelavam. Partindo desse pressuposto, foram priorizados, em primeiro lugar, quatro anti-heróis, Fernão Lopes enfatizou os seguintes personagens: Conde D. Pedro, D. Pedro de Castro, João Affonso e Beça e Garcia Gonçalves Baldes.

Tais pessoas eram fidalgos que procuravam vingança e dessa forma, se aliaram com Castela. De certa maneira, o Mestre de Avis havia realizado ações contra os mesmos, insuflando a ira desses homens, assim, o cronista narrou como os quatro homens tentaram matar D. João I, nos detalhes da descrição da fonte, os quatro homens estão cheios de ódio e com vontade de punição. Na narrativa, o Mestre venceu os inimigos com a ajuda e misericórdia de Deus, no primeiro momento, D. João se mostrou uma pessoa tolerante com os seus traidores, porém depois, segundo a leitura da crônica, a justiça foi feita pelo Rei.

Mas a esto não minguava que responder muitas razões, culpando-o no perdão que fizera a D. Pedro, dizendo que a muito se aventurava quem punha a vida e honra em quem a elle em algum tempo começou de errar. Des-ahi diziam que fiar de nenhum castellão era a elle cousa mui empecida, maiormente em tal como o conde D. Pedro, que era primo co-irmão d'el-rei de Castella, do que elle bem de vera entender que seu serviço não era fiel.

E o Mestre respondia a todo, e em fim veiu a dizer:

- “Eu não sou o primeiro que fui enganado por falsos vassalos, nem hei de ser o derradeiro, mas eu dava gran fé a todo seu conselho, por serem homens de auctoridade, des-ahi por mostrarem grão desejo que amavam muito meu serviço, em tanto que por vezes me fizeram dizer asperas palavras a alguns que me lealmente desejavam servir, assim como fiz ao mestre dos engenhos, que d'aqui fugiu com medo que de mim houve, e alguns outros, muito sem porque”.

Em todo esto vendo João Duque como queimavam Garcia Gonçalves, com grande menecoria que d'ello houve, mandou tomar uns seis ou sete portuguezes, homens trabalhadores, que tinha presos, e mandou-os todos decepar das mãos e fanar dos narizes, e poer todos as mãos ao collo d'um d'elles, e mandou-os assim ao Mestre, o qual vendo sua desmesurada crueldade, mandou lançar no fundo do engenho, dentro da villa, os prisioneiros

que tinha castellãos.

Des-ahi uzando mais de piedade que de rigor de vingança, houve d'um d'elles compaixão, e mandou que se não fizesse.<sup>20</sup>

Geralmente, a morte de um anti-herói é sempre marcante, visto que existe a necessidade de provar para a sociedade que a punição foi realizada, porém tais mortes podem ser amenizadas, quando um governante tem por objetivo demonstrar misericórdia, ou como no caso, de D. João, com os cronistas querendo afirmar um novo tempo em Portugal, através da nova dinastia.

O anti-herói também pode ser o herói de outra região, como é o caso do exemplo do Rei de Castela, visto que para Portugal, o governante era uma ameaça, mas para Castela, o seu Rei era o herói que lutava pelos interesses da região.

Segundo alguns que d'estes feitos fallaram, escrevem, el-rei de Castella a esta sezão era em Cordova como dissemos, e havia já enviada sua frota cercar Lisboa, e mandava a grão pressa por todos os escudeiros e fidalgos e homens d'armas que se viessem para elle pera entrar em Portugal pela parte de Badalhuze, segundo tinha ordenado, e escreveu a D. Pedro Tenorio, arcebispo de Toledo, e a certos cavalleiros seus vassallos, que os ajuntassem todos em Ciudad Rodrigo, e que d'alli entrassem no reino de Portugal a talhar as vinhas e pães, e fazer todo o mal e damno que podessem, e elles vendo o tempo azado pera esto, foram déllo mui ledos, ca era no mez de Maio, em que o bem fazer podiam.<sup>21</sup>

O cronista português descreveu as atitudes do Rei de Castela, como sendo más, porém se a narrativa fosse escrita por um cronista de Castela, provavelmente o seu governante agiria conforme a vontade de Deus e lutando pela cidade. Fernão Lopes tinha consciência dessa reflexão feita acima, e sempre narrava também o lado de Castela.

Estas gentes que se ajuntavam de uma parte e d'outra pera haverem d'haver batalha, razoadamente é cuidar que cada uns teriam quem por elles fizesse preces e orações que fosse Deus da parte, e ajudasse os do seu bando, e quem por os muitos tivesse cuidado de rogar, bem entenderia que sua oração seria mais totemente ouvida, e a Deus mais ligeira de cumprir, e assim era de feito que a rainha D. Beatriz, mulher d'el-rei de Castella, depois que seu marido partiu do reino pera entrar em Portugal, sabendo ella que lhe tinham prestes a batalha, que se não escusava de haver, da qual lhe muito prazia, entendendo que havia de vencer e que por alli cobraria o reino todo, e era sua demanda acabada, estando em um logar que chamam Avila, e o arcebispo de Toledo em sua guarda, ordenou com certas donas e donzellas, quaes ella quis escolher, que tivessem cuidado de rezar continuamente, assignado espaço, de guisa que de dia e de noite nunca cessassem de orar, e como alguma era achada menos, logo lhe mandava tolher a ração e se queixava muito contra ella, e ella as visitava muito a meude,

<sup>20</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. CLXXVIII, volume III, p. 158

<sup>21</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. XIX, volume IV, pp. 70 e 71.

que não desfallsessem d'esto que lhe encomendado tinha.<sup>22</sup>

Mesmo o autor escrevendo a versão de Castela, a ênfase da batalha entre as duas regiões era sempre positiva para o lado de Portugal e justificada com argumentos religiosos. O anti-herói também pode ser representado por um religioso, que nesse caso, perdia todo o respeito para o cronista, mesmo que seu cargo tenha sido instituído por Deus, como é o caso do Bispo Clemente, este foi intitulado por Fernão Lopes de antipapa. Esse clérigo apoiava o Rei de Castela, na luta contra Portugal, por essa razão foi considerado pelo cronista como um antipapa. O autor da crônica apresenta uma carta do Bispo Clemente ao Rei de Castela, após mais uma derrota para Portugal.

Clemente, Bispo servo dos servos de Deus, ao muito amado em Christo filho D. João rei de Castella e de Leão, saude e espirito de fortaleza em as cousas a ti contrarias. Ouvi novas, de que toda minha vontade foi contorvada, e os beijos de minha boca de todo estremeceram, porque aquelle dia foi de grande ira, e espantavel sanha contra a tua real majestade, quando aquella resplandente Alteza, que d'onde o sol nasce até onde se põe de todos era temida, por um ligeiro aquecimento que adur se começava, cahiu assim trigosamente, que espanto é d'ouvir. Mas porem, Príncipe mui alto, não te espantes tanto d'esto, nem tomes grande pezar, ca muitas vezes se leu o vencedor ser vencido d'ouro mais baixo que si, e lemos que a arca do testamento dos que em Deus não criam, foi filhada e teuda em seu poder, e que Saul e Jonatas seu filho foram pelos phyliteus ambos vencidos e mortos. Escripto é que a grande cidade de Roma, senhora de todo o mundo, vencida foi por vezes de seus inimigos e contrarios, e não duvidamos, mas sabemos de certo como el-rei Rodrigo, senhor da Hespanha, vencido foi dos Alarves e perseguido d'elles. Sabemos que pouco tempo ha que a nobre prol de liz dos Inglezes foi abaixada; e bem sabeis que aquelle esclarecido principe entre os cavalleros do mundo, el-rei Dom Anrique, teu padre, que nas môres perdas e perigos mostrava seu grande esforço, e vencido depois vencia. Assim que aquelle a que Deus ama, esse castiga e correge, e se agora feriu e chagou o teu pé, elle é aquelle que sarará tuas chagas; e se o forte açoute de seu castigo soffreres com paciencia, a tua dor se tornara em prazer, e o teu nojo em alegria, e segundo a grandeza da dor do coração tens, assim será a consolação pera a tua alma, e prova Deus em ti a sua misericordia, e porém te castiga e apreme em este mundo em os bens temporaes, porque depois não hajas de passar o ardor da mora perdurável, que escripto é, que na edificação do templo todas as pedras primeiro eram lavradas com fortes martellos de ferro por se poerem mansamente na obra que havia de durar; e assim aquelles que d'este mundo hão de ser enviados pera poer na parede d'aquelle celestial templo, que é dito Hierusalem, primeiro são atormentados aqui, a paz mansamente sejam ali treladados e postos, e pois assim é, tu varão de bem, no qual nunca houve nenhum engano, porque te atromentas com tas grande dor? Ca posto que justa razão tenhas de a haver, a discrição requer encobri-la, e não a publicar, ca a publicação da dor ao commum povo faz aos amigos, acrescentar pezar e nojo, e nos inimigos gera mui gram prazer e ledice, e porende filho muito amado, rogo-te quando posso, que em tal caso como este, não seja tua maneira de dor tão grande que te ponha fora de teu bom sizo, mas veste-se de vestiduras de saude e fortaleza, e põe teus feitos em esperança d'aquelle Senhor que acorre e ajuda aquelles que em elle esperam. Dante & c.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Ibidem, cap. XLI, pp. 157 e 158.

<sup>23</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. LXVIII, volume V, pp. 48 a 50.



A justificativa utilizada para a derrota também está ligada ao povo de Israel, assim Castela por ser uma região muito amada por Deus, foi castigada, pois o Pai repreende quem ama, além do mais, o anti-herói religioso fez um discurso baseado no cristianismo que foi, normalmente, aceito por Castela, porém criticado pelo cronista de Portugal. E assim como os heróis portugueses aliaram-se com heróis ingleses, como por exemplo, o caso do Duque de Lencastre, da mesma forma, os anti-heróis de Castela também se aliaram com os anti-heróis franceses na luta pela península Ibérica.

El-Rei e o duque em Portugal postos ante que mais ouçaes d'esto que fallamos, convém que se diga das duas mil lanças que el-rei de Castella aguardava em ajuda, não por termos que contar e fazer daquesto historia, mas porque a França levamos recado e trouvemos à resposta que vistes, a razão requer que desejeis saber que o cumprimento houve tal promessa, onde assim foi que el-rei e o do que partidos da conquista e tornados a Portugal, houve el-rei de Castella novas como o duque de Bourbon, tio d'el-rei de França, irmão de sua madre, vinha em sua ajuda por capitão de duas mil lanças, por que el-rei esperava, que eram já nos termos de Logronho, andando quanto podiam por chegar a seu serviço.

Em esto chegou o duque primeiro, e el-rei o recebeu mui bem, e havendo com elle conselho que maneira se teria de fazerem todos guerra, alguns capitães francezes e muitos castellãos diziam que era bem que el-rei entrasse em Portugal e fosse pelejar com o duque e com o Mestre que se chamava rei.<sup>24</sup>

Esse apoio francês tem ligação com a rivalidade histórica entre Inglaterra e França, nesse caso, a participação francesa e inglesa ampliou, de forma acentuada, a polarização entre Portugal e Castela dentro da Ibéria.

Interessante observar a mudança de representação do personagem, Conde Nuno Álvares, que durante cinco volumes, ele foi um dos heróis da crônica, porém no sexto volume, o herói da crônica torna-se um anti-herói. No decorrer da narrativa, o Rei D. João foi questionado sobre a fidelidade do Condestável, dessa forma, muitos fidalgos diziam que o Conde só era fiel ao Rei, pois herdara muitas terras deste, assim, D. João decidiu retirar muitas terras de Nuno Álvares. Após esse episódio, o Conde decidiu sair do reino, porém foi impedido pelo Rei, todavia, D. João I não mudou de ideia sobre a decisão de recuperar as terras doadas a Nuno Álvares.

Entonce partiram todos pera suas casas, por concertar sua ida, e o Conde pera Portel por encaminhar como partisse; e estando n'aquelle logar, sabendo el-rei parte como se partir queria do reino, não teve menos sentido que o Conde quando foi chamado por lhe tirarem as terras, e mandou a elle Ruy Lourenço, deão de Coimbra, pelo torvar de sua ida; e ditas por elle, como letrado que era, todas as razões boas, assim que lhe el-rei disse, como as que elle soube dizer, nenhuma cousa o mudar poude do proposito que começado tinha, e com tal

<sup>24</sup> Ibidem, cap. CXIV, pp. 169 e 170.

recado se tornou.

El-rei vendo esto mandou a elle D. Fernão Rodrigues, mestre d'Aviz, e pero fosse notavel pessoa e avondoso de muita razão, o Conde sempre respondeu com grande humildade que sua partida não podia escusar; de que a el-rei seu senhor não devia desprazer, mormente pois por longo tempo era já d'accordo com seus inimigos. E com esta resposta se despediu sem mais arrecadar com elle.

Entonce mandou el-rei D. João bispo de Evora, um prelado de boa auctoridade, que fosse a elle, e em fim de todas suas razões, sentindo o Conde o desejo d'el-rei, disse ao bispo que elle lhe mandaria notificar sua vontade, e partido d'elle enviou a el-rei Martim Gonçalves seu tio, e Lopo Gonçalves de Extremoz, por fallarem com elle largamente o que d'esto sentia, prazendo a el-rei do que lhe o Conde mandou dizer, e foi sua ida torvada de todo e paniu-se pera o Porto, onde el-rei já estava de assocego, e alli foi ordenado que el-rei tomasse pera si todos os vassallos que o Conde e outros fidalgos tinham, e que outro não tivesse vassallos senão elle; e que o Conde tomasse pera si as terras que já dissemos que dera, que elle fez contra sua vontade, mas não podia hi al fazer; e como as terras foram tiradas, el-rei poz a todos suas contias, e assim ficou o Condestabre assocegado'n'aquellas que tinha de juro e de herdade, mas as que eram de prestimo lhe foi forçado leixar.<sup>25</sup>

Como apresentado anteriormente, a mudança de um personagem com características positivas para negativas, dava-se de forma rápida, na Idade Média, geralmente, o governante mudava a sua perspectiva em relação ao herói, passando a persegui-lo. No caso de Nuno Álvares, o Rei quis verificar a sua fidelidade, passando a tratá-lo de forma rude, porém o Rei precisou novamente da ajuda do Conde e o mandou chamar para guerrear na fronteira entre Tejo e Odiana.

El-rei que d'esto soube parte em Santarem, onde entonces estava, houve d'ello gran nojo e sentimento, e mandou chamar suas gentes pera ir a elles, entre os quaes mandou chamar o Condestabre, e nenhum d'aquelles a que el-rei escreveu se vinham pera elle, posto que muitos recados lhe mandasse; o Conde acintamente, como alguns escrevem, respondeu a quem lhe levou tal recado que el-rei não se devia tanto d'anojar da entrada d'aquellas companhas, pois em sua terra havia senhores e fidalgos a que encomendar podia que fossem a ellas, posto que elle a lá não fosse, e outras taes razões d'escusa, de que a el-rei muito desprouve quando as ouviu.

Porém o Conde não cessava juntar suas gentes, e mandou el-rei outra vez a elle, contando-lhe o mensageiro o nojo que tomava, especialmente por as gentes que lhe não vinham; e o Conde respondeu outra resposta semelhante da primeira; com tal se espediu d'elle, e estando el-rei com este nojo, e tendo já o Conde juntos mil e dozentas lanças, encaminhou por ir vêr el-rei, não levando comsigo mais de vinte mulas, ficando todos os outros em Evora; e quando chegou a Santarem, porque vinha de suspeita, soube-o el-rei tarde, a que muito prouve de sua vinda; e sahindo-o a receber a pressa, achou o entre Santa Maria de Palhaes e Santa Iria; e quando o el-rei abraçou, porque o achou armado de cota e braçaes, disse alto em sabor, que ouviram muitos:

- “Quanto agora posso eu dizer que este é o primeiro homem d'armas, que eu em esta terra

<sup>25</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. CLIV, volume VI, pp. 108 e 109.

As amizades e as inimizades oscilavam bastante, um dia, o homem pode ser exaltado perante todos e, no dia seguinte, humilhado, tal situação dependerá da engrenagem política e econômica da sociedade, assim, a linha de relações entre as pessoas é bastante frágil. No caso citado anteriormente, Nuno Álvares deixa de ser o anti-herói e passa a ser novamente o herói e fiel companheiro do Rei. Conforme apresentado, os anti-heróis da crônica possuem as mesmas características dos heróis, o fator primordial que diferencia um do outro, é a obediência ou a desobediência, à ordem que está em vigor em uma determinada sociedade.

## Considerações finais

Sobre a teoria do núcleo central apresentado no tópico de teoria que segundo Claude Flament, o lugar de coerência significa o núcleo central, partindo disso, o consenso para o herói medieval e o anti-herói são antônimos e estes se referem a ideia de lealdade e traição, ou seja, para ser leal a alguém, é necessário trair outra pessoa, por isso, o conceito de herói e anti-herói estão diretamente ligados, assim o traidor pode ser o herói de alguém e o anti-herói de outro e vice-versa.

Essas duas representações retiradas da análise da crônica de Fernão Lopes, formam dois grupos que constroem um consenso no centro de cada grupo, assim, um grupo pode entrar em conflito com um outro grupo, porém entre esses dois grupos existem algo em comum, que diz respeito a representação da mentalidade de Fernão Lopes, assim, através da escrita do cronista, é possível tentar compreender a forma de pensar do autor.

Como tarefa, Fernão Lopes tinha que cumprir e escrever a representação de uma nova dinastia, essa nova família, de Avis, que ascendeu em Portugal, provocou a ruptura do sistema tradicional português. Assim, na crônica de D. João I, além das virtudes cristãs do Rei, Fernão Lopes enfatizou o perfil militar com situações de combate em Portugal e em Castela, indo além do regionalismo português, permitindo uma possível representação de heróis e anti-heróis.

---

<sup>26</sup> *A Cronica de D. João I de Fernão Lopes*. 1897, cap. CLXI, volume VI, pp. 126 e 127.



## Referências

## Fontes

*A Cronica de D. João I* de Fernão Lopes. Clássicos Portugueses, director litterario – conselheiro Luciano Cordeiro, proprietário e fundador – Mello D'Azevedo. ESCRITORIO. 147 – Rua dos Retrozeiros – 147. Lisboa. 1897.

## Bibliografia

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- JODELET, Denise. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, Denise (org.), *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I – 2 vol*. Introdução: Humberto Baquero Moreno. Lisboa: Livraria Civilização, 1994.
- MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.). *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: SP, Papirus, 2000.

**Artigo recebido em: 29/03/2016**

**Artigo aprovado em: 12/05/2016**